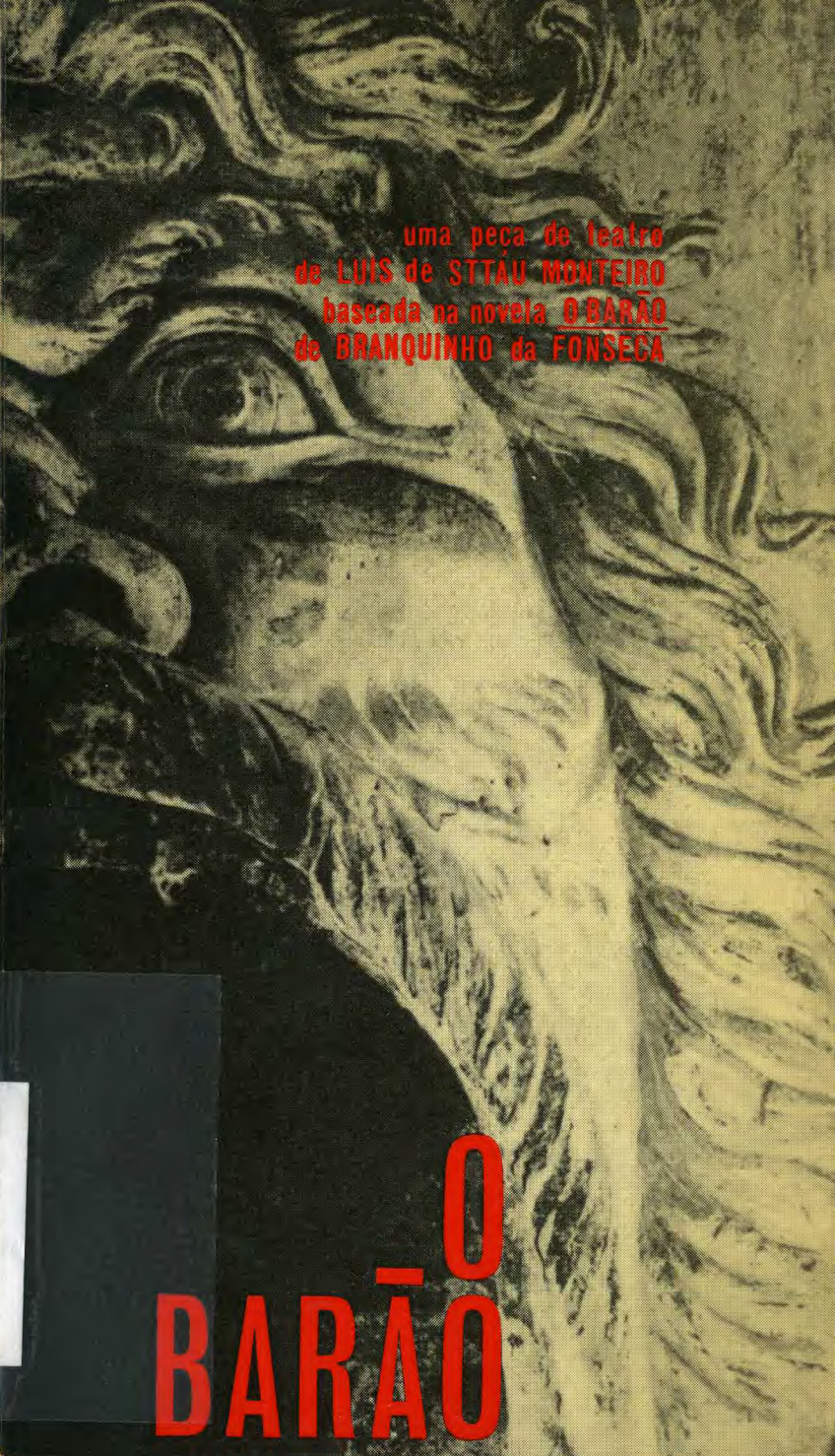

uma peça de teatro
de LUÍS de STTÁU MONTEIRO
baseada na novela O BARÃO
de BRANQUINHO da FONSECA

O BARÃO

UL-Lo-no-1126

O BARÃO

Uma peça de teatro

de

LUÍS DE STTAU MONTEIRO

Baseada na novela

O BARÃO

de

BRANQUINHO DA FONSECA

ÁTICA, LIMITADA

PERSONAGENS

O BARÃO

O INSPECTOR

IDALINA

A BELA ADORMECIDA

A PROFESSORA

O PAI DO BARÃO

O MESTRE ALÇADA

OS COMPONENTES DA TUNA

FIGURANTES

O pano abre com a escuridão da cena apenas cortada por um projector vertical que forma um círculo de luz, de proporções reduzidas, à esquerda do palco. Ouve-se a voz do Inspector que se aproxima.

O INSPECTOR

— Não gosto de viajar. Mas sou Inspector das escolas de instrução primária e tenho obrigação de correr constantemente todo o país. Ando no caminho da bela aventura, da sensação nova e feliz, como um cavaleiro andante. Na verdade lembro-me de alguns momentos agradáveis, de que tenho saudade, e espero ainda encontrar outros que me deixem novas saudades. É uma instabilidade de eterna juventude, com perspectivas e horizontes sempre novos...

Pausa. O Inspector entra pela direita alta, às escuras, e avança lentamente em direcção ao círculo de luz. Traz uma mala e um sobretudo no braço.

Mas não gosto de viajar. Talvez só por ser uma obrigação e as obrigações não darem prazer.

Entusiasmo-me com a beleza das paisagens, que valem como pessoas, e tive já uma grande curiosidade pelos tipos rácicos, pelos costumes e pela diferença de mentalidade do povo de região para região. Num país tão pequeno, é estranhável tal diversidade.

Pousa a mala e o sobretudo junto do círculo de luz.

Porém não sou etnógrafo, nem folclorista, nem estudioso de nenhum desses aspectos e logo me desinteresso.

À medida que fala, anda em torno do círculo de luz.

Seja pelo que for, não gosto de viajar. Já pensei em pedir a demissão. Mas é difícil arranjar outro emprego equivalente a este, nos vencimentos. Ganho dois mil escudos e tenho passe nos comboios, além das ajudas de custo. Como vivo sòzinho, é suficiente para as minhas necessidades. Posso fazer algumas economias e durante o mês de licença que o Ministério me dá todos os anos, poderia ir ao estrangeiro. Mas não vou. Não posso. Durante esse mês quero estar quieto, parado, preciso de estar o mais parado possível. Acordar todas essas trinta manhãs no mesmo quarto! Ver durante trinta dias seguidos a mesma rua! Ir ao mesmo café, encontrar as mesmas pessoas!... Se soubessem como é bom! Como dá uma calma interior e como as ideias adquirem

continuidade e nitidez! Para pensar *bem* é preciso estar quieto. Talvez depois também cansasse, mas a natureza exige certa monotonia. As árvores não podem mexer-se. E os animais, só por necessidade física, de alimento ou de clima, devem sair da sua região. Acerca disto, tenho ideias claras e uma experiência definitiva. É até, talvez, a única coisa sobre que tenho ideias firmes e uma experiência suficiente. Mas não vou filosofar.

Detém-se com firmeza e penetra no círculo de luz.

Vou contar a minha viagem à serra do Barroso. Ia fazer uma sindicância a uma escola primária. Foi no Inverno, em Novembro, e tinha chovido muito, o que dera aos montes o ar desolado e triste dessas ocasiões.

Veste o sobretudo e fecha a gola num gesto friorento.

As pedras lavadas e soltas pelos caminhos, as barreiras desmoronadas, algumas árvores com os ramos torcidos e secos. Fui de comboio até à cidade mais próxima, onde depois tomei uma camioneta de carreira que me deixou, já de noite, numa aldeia cujo nome não me lembra.

O palco começa, agora, a iluminar-se a partir do círculo ocupado pelo narrador e até à direita baixa. A luz é acinzentada — efeito de chuva.

O Inspector sai do círculo de luz — que diminuiu de intensidade até se integrar na iluminação geral — pega na mala e avança para a direita baixa. A meio caminho, cruza-se com um vulto que atravessa o palco, da direita alta para a esquerda alta.

O INSPECTOR

Detendo-se.

— Desculpe. Cheguei agora na camioneta e quero passar aqui a noite... pode indicar-me uma pensão?

VULTO

— Siga em frente. Aí ao fundo há quem alugue quartos — é a última casa à direita.

O Inspector agradece com um gesto que o vulto ignora. Segue cada um o seu caminho. Ou por meio dum giratório ou por outro meio qualquer, surge na direita baixa o interior duma casa velha de província, apenas apontado: uma lareira, a ombreira duma porta, dois objectos de cobre que reflectem a luz do fogo, um cabide, dois bancos toscos e uma cadeira velha. À medida que aumenta de intensidade a luz que ilumina o interior da casa, apagam-se, em resistência os projectores acesos para o efeito ante-

rior. Sentada num banco, de costas para o público, uma velha aquece-se à lareira. O Inspector entra, bate com os pés no chão e vê a velha.

O INSPECTOR

— Boa noite!

A velha volta-se, observa-o, e retoma a posição anterior. O Inspector detém-se, tira o sobretudo, pendura-o no cabide, e fica um instante de pé, no meio do quarto, sem saber o que fazer.

Disseram-me que alugavam quartos...

Espera que a velha responda, mas como a resposta não vem, repete mais alto.

Disseram-me que alugavam aqui quartos...

A velha parece não o ouvir. Depois duma pausa, a professora surge à porta e sorri enquanto despe a gabardina.

A PROFESSORA

— Sr. Inspector?

O vulto acena afirmativamente.

Desculpe não ter ido esperá-lo à camioneta,

mas perdi uma hora a atravessar a ponte. O rio está cheio e para chegar aqui já me vi...

Olha-o de frente e sorri.

Ainda não me apresentei... Desculpe...

Sorri.

Cheguei agora mesmo e já lhe pedi desculpa duas vezes... Queira Deus que não tenha de o fazer amanhã, depois da inspecção...

Estende a mão.

Sou a professora da escola que V. Ex.ª vem inspeccionar...

O INSPECTOR

— V. Ex.ª? Por quem é, não me trate por V. Ex.ª! Tudo menos V. Ex.ª!

Riem-se ambos. A velha levanta-se e vai a sair pela direita, quando a professora a detém.

A PROFESSORA

— Está cá o Carlos?

A velha tenta sair sem responder, mas a professora não lho permite.

Diga ao Carlos que eu preciso de falar com ele.

A velha sai e a professora grita para dentro:

Já, ouviu? Diga-lhe que venha já!

Para o Inspector, mudando de tom:

Se não quer que o trate por V. Ex.ª... Ah! Já sei: «sr. Inspector». Passo a tratá-lo por sr. Inspector...

Olha à sua volta e sorri.

Não se pode dizer que as instalações sejam as mais indicadas para um «sr. Inspector»... mas aqui na serra ou é isto ou é...

Senta-se ao pé da lareira. Pausa.

Por outro lado, talvez lhe fizesse bem passar aqui uns dias... ficava a fazer uma ideia do que é a vida duma pobre rapariga que acaba o curso e vem enfiar-se nestas serras... os senhores, lá em Lisboa, andam muito afastados da vida...

Surge, da direita, o criado da taberna. A sua chegada chama a professora à realidade.

Mas não tenha medo... Eu não o deixo aqui.

Para o criado.

Dá um pulo a casa do sr. Barão e diz-lhe que está cá uma pessoa vinda de Lisboa. Diz que vais da minha parte e pergunta se ele pode emprestar um cavalo, para este senhor amanhã subir a serra. Vai já, ouviste? Olha que se não vais já...

O criado desaparece pela porta. A professora volta-se para o Inspector.

Vai ver como este recado resolve todas as dificuldades, não só de instalação como de transporte.

O INSPECTOR

Indicando a porta com um gesto de cabeça.

— São todos mudos, cá na terra?

A PROFESSORA

— Quando chega alguém de fora, vestido à moda da cidade... pensam logo que é amigo do Barão... e o Barão emudece-os...

O INSPECTOR

— Porquê? Não gostam dele?

A PROFESSORA

Depois duma pausa.

— Se gostam dele? Há coisas de que não se gosta, nem deixa de gostar... existem e acabou-se!

Pausa.

As serras... o mar... o fogo... Aceita-se uma serra, mas não se «conversa» com ela.

O INSPECTOR

Rindo-se.

— Pela maneira como o descreve, deve ser um personagem de romance... Quem é ele?

A PROFESSORA

— O Barão? Depois verá.

Mudando deliberadamente de assunto.

Diga-me, sr. Inspector: que lhe interessa mais nesta... sindicância?

Depois dum gesto rápido e defensivo.

Não! Não pense que sou indiscreta... mas há mais de três meses que não troco uma palavra com uma pessoa «normal»... sabe o que eu quero dizer... Viver nestas serras ou no deserto do Sahara, deve ser a mesma coisa... se não for pior...

Rindo-se, com falsa coragem.

Lá, sempre é mais quente.

O INSPECTOR

— Mas não tem amigos e amigas? Pessoas com quem fale?

A PROFESSORA

Rindo-se.

— Amigos e amigas!? Mas o que julga o sr. Inspector que é uma aldeia perdida nas serras? Um Chiado em ponto pequeno? Amigos e amigas! Oiça: nesta aldeia não há um único livro, ouviu? Um único! O próprio farmacêutico, que é a pessoa mais «letrada» que o sr. encontra num raio de vinte léguas, só lê os folhetins do «Diário de Notícias»...

Depois duma pausa em que tenta dominar-se.

Desculpe o desabafo... mas às vezes...

A conversa é interrompida pela entrada da velha com duas chávenas fumegantes que lhes entrega. O Inspector prova o líquido e pousa a chávena no chão.

O INSPECTOR

— Que diabo é isto?

A PROFESSORA

— Café... de cevada.

A professora leva a chávena à boca e bebe, sem que o Inspector tire os olhos dela.

O INSPECTOR

— E eu já com pena de si... veja lá...

A PROFESSORA

Sem compreender.

—Como?

O INSPECTOR

Rindo-se.

Este livro, das Edições Ática, Ld.ª,
R. Alexandre Herculano, 17-A, Lisboa, foi composto e impresso, nas oficinas gráficas da Editorial Império, Ld.ª, R. do Salitre, 155, Lisboa,
no mês de Abril de 1964